

Cultura e urbanidade no Centro Histórico de Manaus: um estudo espacial e sensorial

Culture and urbanity at Manaus' Historic Downtown: a spatial and sensory study

Maria Luiza Magnani Degan, Luciane Viana Barros Páscoa e Maria Evany do Nascimento



Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/pontourbe/10845>

DOI: 10.4000/pontourbe.10845

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Maria Luiza Magnani Degan, Luciane Viana Barros Páscoa e Maria Evany do Nascimento, «Cultura e urbanidade no Centro Histórico de Manaus: um estudo espacial e sensorial», *Ponto Urbe* [Online], 29 | 2021, posto online no dia 27 dezembro 2021, consultado o 31 dezembro 2021. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/10845> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.10845>

Este documento foi criado de forma automática no dia 31 dezembro 2021.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Cultura e urbanidade no Centro Histórico de Manaus: um estudo espacial e sensorial

Culture and urbanity at Manaus' Historic Downtown: a spatial and sensory study

Maria Luiza Magnani Degan, Luciane Viana Barros Páscoa e Maria Evany do Nascimento

NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original Version 13/05/2021

Aceitação / Accepted 07/09/2021

- 1 Para Argan (2005, p. 238) “a história é um fato eminentemente urbano”. O autor afirma que “cidade e civilização são palavras que têm a mesma raiz” e, partindo desse pressuposto, entende-se o patrimônio edificado como um elemento urbano de associação e identidade, que nos orienta culturalmente no sítio em que estamos inseridos. A cidade é feita de um amontoado de camadas sobrepostas, a valoração das temporalidades que coincidem espacialmente é designada pelo indivíduo como agente urbano que atua na construção de afinidades, discordâncias, memórias e conexões com o espaço edificado (e, até mesmo, com o espaço imaginado, mas nunca concretizado). Segundo Argan (2005, p. 232), é esse “conjunto de pequenos mitos, ritos, tabus, complexos positivos e negativos” que nos configura como cidadãos, como integrantes desse organismo chamado cidade.
- 2 O patrimônio cultural é também uma formação político-social, uma reminiscência do passado que possui valor simbólico suficiente para ser considerado uma parte estruturante da história de uma nação. A apropriação dessas entidades alegóricas de

nossa própria formação psicossocial acontece a partir de uma percepção das diversas partes que as compõem e propõe-se nesse breve relato a exploração de algumas delas.

Apresentação das abordagens e da área escolhida

- 3 Considerando uma perspectiva sinestésica sobre o ambiente urbano, o trabalho pretende analisar de forma sensorial um espaço urbano pré-definido, compreendendo o entorno da Praça Dom Pedro II, as ruas Governador Vitório, Bernardo Ramos, Frei José dos Inocentes e avenida Sete de Setembro, localizado no Centro Histórico de Manaus. Por ser uma área com inúmeras atividades e contextos diversos, a intenção proposta é entender como esse ambiente se comporta e apreende os diversos estímulos que o rodeiam.
- 4 A cidade é um organismo vivo em constante modificação, na qual inúmeros agentes interferem na metamorfose diária. Como cidadãos, somos uma parte ativa dessa engrenagem, a atuação do indivíduo não acontece por detrás dessas mudanças, está à frente de todas elas. Pode-se apontar diversas características sobre determinado ambiente urbano: pode ser amplo, iluminado, monótono, escuro, apertado, sufocante e libertador. A percepção construída sobre os espaços é constantemente reestruturada de acordo com as experiências vivenciadas neles, gerando as inúmeras ressignificações que se substituem com o decorrer do tempo na construção da memória. Partindo de pontos de vista diversos, pretende-se aqui atestar a importância tanto da atitude contemplativa, quanto da ativa (ARGAN, 1983, p. 229) na prática que construímos na cidade. Como Rossi (1995, p.18) salienta, um fato urbano pode ter perspectivas diferentes de acordo com o nível de contato do sujeito, o conhecimento que se dá a partir de uma apreensão física sempre trará contribuições que um contato por fonte visual não é capaz de assimilar. É nessa abordagem que se pretende absorver o espaço do estudo.
- 5 Baseando-se nas metodologias de análise urbana de Kevin Lynch (1960) e Gordon Cullen (2008), aplicadas a uma escala menor e melhor definida, serão abordadas as facetas desse entorno urbano que circunda o edifício em questão e as relações construídas nele. Primeiramente, destaca-se que o Centro Histórico de Manaus é a ocupação espacial que deu início à capital. Sendo assim, possui uma gama de elementos característicos e distintivos em sua paisagem, sua linguagem prevê determinadas tipologias arquitetônicas historicistas e um contato direto com o rio, o limite maior e definitivo desse bairro. A estrutura do bairro reflete uma lógica organizativa típica das transformações urbanas da *Belle Époque*, inspiradas na paradigmática Paris haussmaniana. As formas de apreender a cidade mudam conforme o tempo, o entendimento das diversas páginas que compõem um extrato urbano é também a compreensão da ligação intrínseca da cidade com sua história. Como entidade estrutural e espacial, a cidade é pensada dentro dos limites da funcionalidade e racionalidade, mas como essência simbólica e figurativa, só pode ser assimilada a partir dos sentidos.
- 6 Olgária Matos (1994) traz algumas observações sobre o pensamento benjaminiano acerca da cidade. A autora (MATOS, 1994, p. 45) contrapõe a concepção de Benjamin, que abarca a “incoerência da vida”, o acaso e a fragmentação, à racionalidade do geometra, fruto da filosofia cartesiana. A visão cartesiana, exposta ao longo do relato da autora, propõe a ordem e distancia a confusão e a casualidade da posição de fatos

inerentes à urbanidade. Com a neutralização da subjetividade do indivíduo, seria possível “destruir ontologicamente o sensível, os sentidos, a imaginação e a memória é o procedimento cartesiano para o conhecimento” (MATOS, 1994, p. 49). O raciocínio de Benjamin seria então “anticartesiano”, foge de uma verdade una, parte para o surrealismo da construção imagética urbana, a abstração que aponta a rua como espaço simbólico, onde ocorre o “acúmulo de objetos, estátuas, passagens, publicidades, becos - sem saída - a rua é o microcosmo da realidade social” (MATOS, 1994, p. 53-54). Defende-se aqui a visão benjaminiana do espaço urbano, ao considerar que as colagens e sobreposições devem ser compreendidas dentro de um universo sensível. A decodificação dos códigos e símbolos perdidos nos recantos de uma cidade requerem uma experiência desprovida de um olhar racionalista, sublinha a sensação e a legitimação dos sentidos como mecanismos de apreensão.

- 7 Menezes (2001) também trata dessa fragmentação quando ressalta a dificuldade de conceituar o termo cidade, que perpassa por historicidades diversas e uma infinidade de conceitos. Segundo o autor, as imagens urbanas “não mais se referem à cidade como um todo” (MENEZES, 2001, p. 11), como se dava nas metrópoles oitocentistas. O imaginário urbano da pós-modernidade é composto por pedaços, partes de uma unidade, que unificam em si signos de grupos sociais e suas manifestações. Mas essa desconstrução imagética não ocorre em todos os âmbitos de análise. Ao realizar a leitura da cidade como obra de arte, Rossi (1995, p. 24) ressalta a importância do todo em detrimento das partes, para que não se considere a cidade como arte a partir de aspectos isolados e pontuais: todas as suas características constitutivas – técnicas, estruturais, sensoriais – fazem parte desse produto artístico. Utilizaram-se os métodos de Lynch e Cullen por serem abordagens sobre ângulos díspares do fenômeno urbano, desde o traçado viário como condição estruturante, até as pequenas nuances imagéticas que se apresentam aos olhos durante um caminhar pela cidade. São análises que podem tanto entender a fragmentação da entidade urbana quanto o aspecto de unidade formal que possibilita seu funcionamento. A cidade é uma obra de arte plurifacetada e precisa ser interpretada a partir de mais de uma perspectiva.

Abordagem espacial

Vias

- 8 Para facilitar o entendimento da localização das vias que serão apresentadas posteriormente, optou-se pelo uso de um esquema de linhas numeradas, cada uma equivalendo a uma rua/avenida, os números serão referenciados quando cada rua for citada no decorrer do texto.

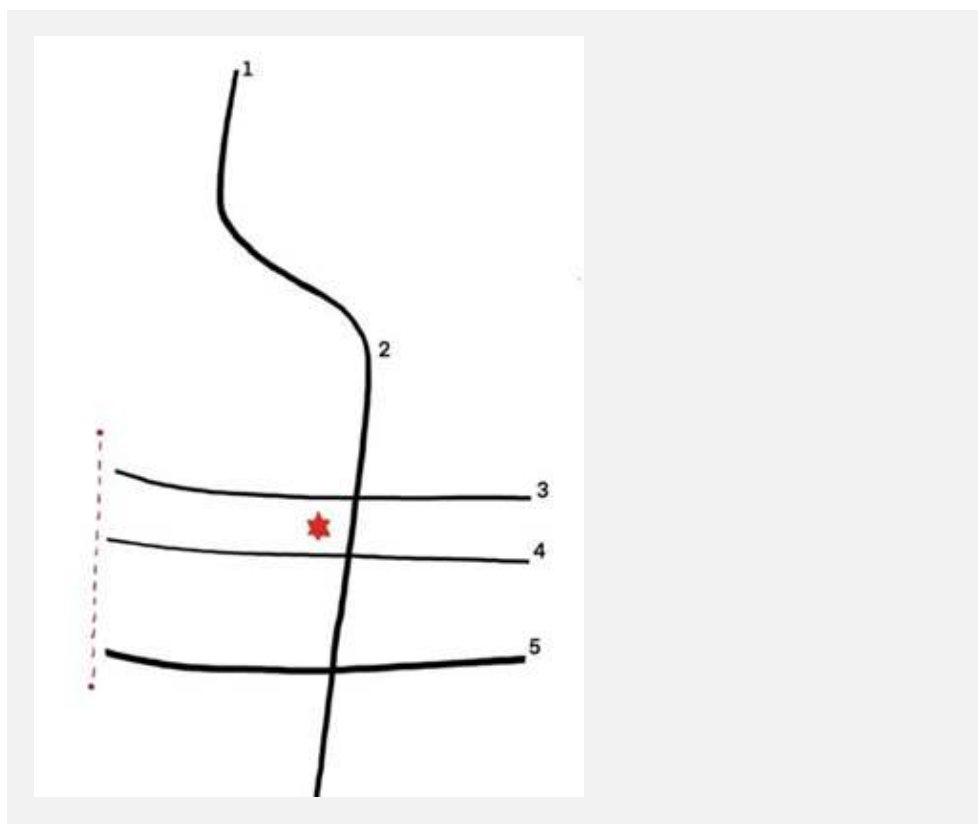


Figura 1 – Esquema de vias: 1. Luiz Antony; 2. Governador Vitório; 3. Frei José dos Inocentes; 4. Bernardo Ramos; 5. Sete de Setembro; linha pontilhada é o limite do rio; o ícone em vermelho é o antigo Hotel Cassina, o primeiro edifício de relevância a ser avistado ao descer a rua Governador Vitório.

Fonte: autora. Data: 12/nov./2020.

9 .

- 10 A rua Governador Vitório (2) inicia-se a uma quadra do prédio em questão, é a continuação da rua Luiz Antony que, após uma curva abrupta, torna-se a referida via. A primeira quebra visual deste entorno se dá justamente nesse 'S' realizado pela rua Luiz Antony (1), do lado direito da pista a estrutura das quadras é bruscamente interrompida por uma primeira curva, os edifícios não se alinham com a rua, são recuados, do lado direito segue um muro que se estende até a curva seguinte, onde a rua muda de nome. Essa interrupção na coesão tradicional do Centro histórico, de fachadas alinhadas com a rua, gera certo desconforto visual, é uma cisão na comunicação, com vazios residuais na malha urbana de um lado e uma aspereza plástica do outro.
- 11 Ao descer para a rua Governador Vitório (2), a gramática habitual de fachadas geminadas e alinhadas com a via volta a configurar-se, ainda se observa alguns recuos de fachadas e vazios repentinos que soam como vácuos quando se analisa a face da quadra, mas o incômodo se ameniza. Outra informação a se acrescentar é o fato de que algumas características da arquitetura eclética retornam, platibandas e balaustradas são frequentes, o esquema de fachada porta e janela sem afastamento lateral também. A maioria dessas fachadas já se apresenta tão descaracterizada que não restam muitos elementos que remetam ao passado, os gabaritos são diversos, gerando uma silhueta de altos e baixos, uma irregularidade no campo de visão.



Figura 2 – Mapa de cheios e vazios.

Fonte: autora. Data: 12/nov./2020.

- 12 Desde o início da rua Governador Vitório torna-se possível visualizar o Hotel Cassina¹ e, mais à frente, o prédio do antigo IAPETEC². Aproximando-se da rua Frei José (3), torna-se possível enxergar algumas formas vegetais da Praça Dom Pedro II. Nessa circunscrição, o olhar é atraído para o lado direito da via, a fachada alta do antigo hotel, a praça e o prédio em concreto com esquadrias cobertas do IAPETEC.
- 13 Sensorialmente, a Bernardo Ramos (4) é uma rua sedutora e cativante, tida como uma das mais antigas de Manaus, ela nos convida a um passeio mais descontraído. É uma rua extrovertida que contrasta fortemente com a que lhe antecede, a Frei José dos Inocentes (3), rua tomada pelo uso residencial com tímidas fachadas alinhadas de gabarito baixo e características ecléticas. Nessa rua (3) pode-se verificar a arquitetura historicista de cunho residencial e popular do fim do século XIX. Ao decorrer da rua, as fachadas vão se diversificando, algumas com alturas mais imponentes, outras mais descaracterizadas. Tanto a rua Frei José (3) quanto a Bernardo Ramos (4) tem seu início (ou fim) em uma área militar da Marinha do Brasil, um terreno amplo com múltiplas construções que bloqueiam o acesso dessas vias ao rio.
- 14 Ressalta-se que a composição tátil da rua Bernardo Ramos (4) é diferente das demais, o calçamento é feito de pedras jacaré e o passeio público é largo, existem postes de iluminação, mobiliário urbano composto por canteiros suspensos, casarões históricos bem preservados, bicicletas para aluguel. É um corredor turístico, mais à frente situam-se as duas casas mais antigas de Manaus, recém-restauradas e transformadas em centro cultural, em estilo colonial. É importante destacar a contradição dessa área, se por um lado temos uma rua cenográfica e convidativa como a Bernardo Ramos (4), por outro

temos a Frei José dos Inocentes (3), rua estigmatizada e desprovida de cuidados por parte do Estado.

- 15 Paralela à Bernardo Ramos (4), nasce a avenida Sete de Setembro (5), uma via arterial do Centro Histórico de Manaus, larga e unidirecional com duas faixas de circulação de automóveis. Ela tem seu início na orla do rio, sem bloqueios visuais ou físicos. Lynch (1960, p.65) afirma que “ruas com origens e fins claros e bem definidos” possuem uma identidade mais forte, talvez derive daí a essência da avenida Sete de Setembro. A primeira quadra vencida por ela é uma área um tanto quanto amorfa, sua identidade começa a se delinear quando ela atinge a Praça Dom Pedro II e, a partir daí, ela envolve em sua trama uma gama imensa de itens marcantes do Centro Histórico. É uma via pulsante, ativa, envolvente, seguindo a trajetória proposta pela Sete de Setembro (5) é possível contemplar a personalidade plural desse bairro que marca o início da formação urbana manauara.
- 16 A diversidade da paisagem do Centro Histórico, constituído por inúmeras épocas que colidem em um mesmo espaço, dificilmente irá apresentar vias com o que Lynch chama de continuidade. Temos quebras bruscas na paisagem, áreas ressignificadas, abandonadas, apropriadas, vazios urbanos que sucedem cheios absolutos. A paisagem do Centro Histórico é multifacetada e intensa, não se pretende nesse trabalho descrevê-la por inteiro, seria impossível apreender todas os estímulos gerados pelo bairro, e não se intenciona discordar quanto à importância da continuidade, proposta por Lynch (1960, p.63). Propõe-se apenas uma flexibilidade ao termo, a avenida Sete de Setembro possui uma continuidade própria, pode não ser fluida e instintiva, mas dentro do contexto urbano em que se insere, ela é preponderante.

Limites

- 17 A área trabalhada nessa análise tem um limite claro e bem delineado: o rio. Tratando-se de um espaço que fica em frente à orla, apesar de estar pretensamente voltado para dentro da cidade, o rio é um obstáculo intransponível. Lynch (1960, p.74) o chama de “limite aquático”, mas também introduz a definição do limite fragmentário que “em sentido abstrato é contínuo, mas apenas visível em alguns pontos”. Dessa forma, pode-se fixar o rio como limite aquático e fragmentário, tendo em vista que é impossível visualizá-lo desde a Praça Dom Pedro II ou desde a rua Governador Vitório, sua fronteira só pode ser vista diretamente no início avenida Sete de Setembro e, indiretamente, nas ruas Bernardo Ramos e Frei José.
- 18 Obviamente que a presença do rio não se faz de todo oculta. É uma participação invisível em toda a área próxima à orla. Ainda assim, é uma barreira impenetrável, que interrompe bruscamente algumas quadras e, pela largura das ruas, é impossibilitada uma visualização de longo alcance através do rio. Enxerga-se uma faixa de água no início da Sete de setembro, a ponte ao fundo, e algumas vistas mais amplas por entre as grades do complexo militar e do estacionamento do Paço Municipal, mas que não nos mostra muito mais da orla além de alguns barcos atracados. Pela rua Frei José dos Inocentes temos uma vista amplificada, algumas palafitas erguem-se sobre o rio, com suas pernas finas e telhados de duas águas e ao longe é possível enxergar o castelinho da antiga Cervejaria Miranda Corrêa, um marco visual no *skyline* distante.

Elementos marcantes e Cruzamento

- 19 O elemento nuclear da atividade, o Hotel Cassina, é um componente marcante na paisagem, ocupa a largura de uma quadra, em frente à Praça Dom Pedro II. Ao seu redor coexistem outros dois elementos de grande valor histórico e que também são focos visuais: o Paço da Liberdade e o Palácio Rio Branco. Salienta-se também a presença do edifício do antigo IAPETEC, um ícone do movimento moderno em Manaus. A Praça Dom Pedro II (marcada em verde) é o fechamento desse conjunto, ocupa o espaço de uma quadra no centro do polígono formado por esses elementos arquitetônicos.
- 20 É possível igualmente reconhecer, na praça e nos arredores, o conceito de mancha explicitado por Magnani (1992, p. 196), que seria “uma área contígua do espaço urbano dotada de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam uma atividade ou prática dominante”. Essa área corresponde a uma atividade mais voltada para o turismo, mas também, dentre os cidadãos manauaras, é um lugar de passatempo, repouso ou distração. Não são oferecidos múltiplos equipamentos de lazer e divertimento, mas sim um cenário agradável, nichos sombreados, visualidades aprazíveis. Em se tratando de uma zona no Centro Histórico, próxima de locais marginalizados, coexistem no mesmo ambiente grupos diversos, desde indivíduos socialmente estigmatizados até grupos de jovens que frequentam a praça e as redondezas após a saída das escolas. Essa mancha, dominada por um caráter de permanência, é unida, pela avenida Sete de Setembro, a outras manchas muito mais densas onde figura o setor comercial do bairro.

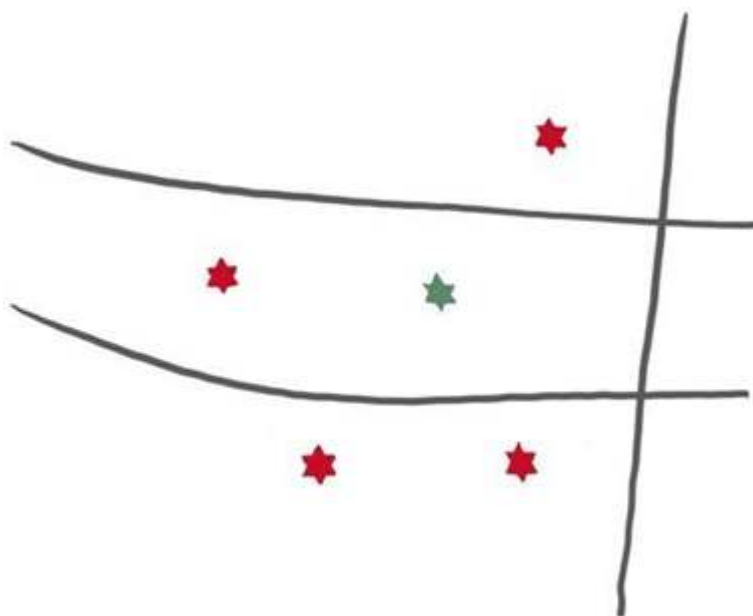


Figura 3 – Esquema de elementos marcantes: em vermelho estão os edifícios, o elemento em verde é a Praça Dom Pedro II.

Fonte: autora. Data: 12/nov./2020.

- 21 Segundo o conceito de Lynch (1960, p.90), os elementos marcantes têm como aspecto fundamental a originalidade, são referenciais e indicam caminhos. Nesse sentido, destaca-se em especial dois deles: o Paço da Liberdade e a Praça Dom Pedro II. O Paço foi o primeiro palácio da cidade, construído em estilo neoclássico, mantém-se praticamente inalterado após restauro e revitalização finalizada em 2012. Sua importância se deve ao fato de ter se tornado um museu da cidade após esse processo

de reforma, direcionando para essa área um afluxo de turistas. Enfatizamos a praça por constituir peça-chave desse roteiro turístico, ligando todas as facilidades do entorno e realçando o contraste dos elementos arquitetônicos. Pode-se considerar essa área, que engloba os quatro edifícios citados e a praça, um complexo, um ponto focal em conjunto.

- 22 Fazendo um paralelo com os exemplos propostos por Lynch (1960, p. 89), dentre os quais figura a *Piazza di San Marco* de Veneza, uma referência para a cidade, elege-se este complexo como o próprio cruzamento desta área. É evidente que ele funciona como cruzamento em uma escala bem reduzida, nada comparada à escala da cidade de Manaus integralmente, porém configura-se como um nó urbano, um elemento flexível na malha que marca o início prático, no sentido de desempenhar um papel crucial no traçado viário do Centro, da Avenida Sete de Setembro. Ainda de acordo com o autor (LYNCH, 1960, p.87), “os cruzamentos tanto podem ser junções como concentrações” e, nesse caso, consideramos este cruzamento uma concentração temática. É um ponto com forma imponente, se levarmos em conta os adjetivos extrovertido e introvertido propostos como características para os cruzamentos (LYNCH, 1960, p. 88), o caracterizaríamos como extrovertido. Como qualquer complexo urbano que induz a atividades turísticas, é um espaço de personalidade amena e amistosa.
- 23 Fortuna (2002, p.131), ao tratar da crise do espaço público nas cidades sob o exemplo de Portugal, destaca o surgimento de ações contemporâneas que buscam uma maior legibilidade do espaço urbano por meio de sua revitalização. Isso faria parte de um processo maior que entrelaçaria uma participação cultural dos indivíduos e estratégias de renovação como o lazer e o turismo (FORTUNA, 2002, p.131) – facilmente exemplificadas pelo festival Passo a Paço que ocorre anualmente na área citada. Questionamo-nos, então, se o ambiente compreendido ao redor da praça Dom Pedro II, englobando a rua Bernardo Ramos, não faria parte do que o autor chama de “colonização do espaço público urbano”, quando se antevê um local que participa de imaginários coletivos de identidade sociocultural exposto a uma “lógica de mercado” (FORTUNA, 2002, p.131), transformado em roteiro figurativo para práticas turísticas.
- 24 A ambiência desse espaço, de modo geral, sugere uma atenção maior pois são detalhes que tornam a experiência aprazível. A praça não apresenta um projeto paisagístico referencial, é composto apenas por árvores espaçadas e alguns arbustos, mas o caminhar por ela é agradável, as árvores promovem sombra em alguns pontos, existem mobiliários urbanos espalhados, e a vista do entorno é uma imagem contextual da metrópole manauara. Logicamente que essa experiência se modifica de acordo com horários, durante a noite o espaço ainda sofre certo estigma como ambiente perigoso e sem vigilância passiva ou ativa. O restauro do antigo Hotel Cassina é o início de um processo que intenciona dar nova vida ao Centro, começando por essa zona de orla pouco aproveitada.

Abordagem sensorial

“Uma cidade é antes do mais uma ocorrência emocionante no meio-ambiente.” (Cullen, 2008, p. 10)

- 25 Trabalharemos nessa parte com os conceitos de Gordon Cullen sobre a urbanidade. O autor (2008, p. 10) defende que a cidade é um espaço que desperta emoções e sensações

diferenciadas nos indivíduos que dela fazem parte. De acordo com essa metodologia, são apresentados três aspectos principais que devem ser analisados em um espaço urbano: óptica, local e conteúdo.

- 26 A óptica nos traz um dos conceitos mais conhecidos de Cullen, a visão serial. Essa ideia é descrita como uma capacidade que possui o espaço urbano de surpreender o espectador (CULLEN, 2008, p. 11). Um elemento importante no caso da visão serial é o contraste, ao qual reage-se de forma diferenciada quando expostos a ele.
- 27 O segundo aspecto, denominado local, diz respeito à percepção acerca de um ambiente (CULLEN, 2008, p. 11). O caminhar pela cidade pode despertar diversas percepções, a sensação de estar dentro ou fora, em um espaço que nos inspira liberdade ou claustrofobia, as oscilações sensoriais que perpassam pela experiência nos conduzem a emoções específicas.
- 28 O conteúdo, de acordo com Cullen, é a “própria constituição da cidade: a sua cor, textura, escala, o seu estilo, a sua natureza, a sua personalidade e tudo o que a individualiza.” (CULLEN, 2008, p. 13). São os elementos concretos que constroem as sensações, a cidade como construção, como arquitetura, como espaço físico.
- 29 Nessa etapa do estudo, pretende-se abrir espaço para o que Bachelard (2012) chama de imagem poética, fruto da entidade mais profunda do homem. O autor afirma que a esse tipo de imagem “*No es el eco de un pasado. Es más bien lo contrario: en el resplandor de una imagen, resuenan los ecos del pasado lejano*” (BACHELARD, 2012, p. 9), sendo assim, são criações imagéticas que habitam o aqui e o agora, mas causam ondulações emocionais e psicológicas que nos relembram tempos anteriores, como ruídos que reverberam. Bachelard (2012, p.20) fala ainda da “*captación del ser por la poesía*”, e isso acontece no momento em que essa imagem nos penetra, nos atinge e torna-se uma expressão individual, algo corpóreo e extracorpóreo.
- 30 A imagem poética se forma a partir da união de diversas percepções, explorando o uso dos sentidos na construção de emoções. O espaço urbano, pela variedade de agentes que atuam sobre ele, carrega uma vastidão sensorial de difícil compreensão. Cada dia imprime uma atmosfera diferente a esse espaço, dias de chuva espalham o cheiro de terra e plantas molhadas pelas redondezas da Praça Dom Pedro II. Em dias de sol, esses odores ficam retidos no interior da praça, nas imediações dos canteiros, amenos e quase sutis. Os sons são ondulantes e se escalonam, em ritmo descendente, rumo ao rio, onde os ruídos se tornam nulos, se perdem no ar. Essas impressões, por vezes corriqueiras, penetram uma esfera metafórica do indivíduo. A apropriação que fazemos dessas imagens poéticas é parte constituinte da memória em relação aos espaços em que circulamos, e a análise a partir dessas prerrogativas vem a ser um espelho de alma, pois recorda o modo individual de vivenciar o ambiente circundante.

Óptica

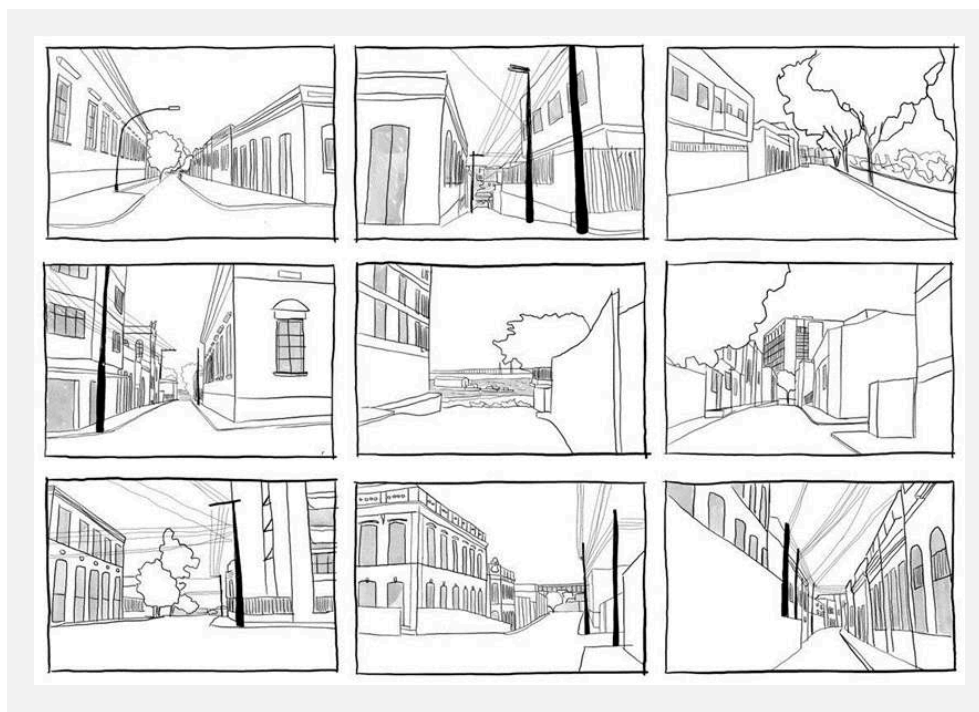


Figura 4 – Storyboard da área estudada.

Fonte: autora. Data: 12/nov./2020.

- 31 Para exemplificar o que seria a visão serial de Cullen (2008), apresenta-se um *storyboard* da área designada para este trabalho. Trata-se das ruas pelas quais a análise foi feita e o entorno imediato delas. Nessa etapa, abordam-se as múltiplas perspectivas de um mesmo ambiente. Le Breton (2016, p. 45) afirma ser a perspectiva o elemento capaz de separar o espectador do objeto observado, tornando-o “eterno e inerte”, e talvez seja esse mundo cristalizado o captado tanto pelo *storyboard* quanto pelas fotografias que se seguem. O autor salienta a tendência das sociedades ocidentais a uma redução do mundo às imagens (LE BRETON, 2016, p. 51), criando uma espécie de legitimação a tudo que é visível. Relacionaremos então o que essas perspectivas particulares, quase pontuais, têm a nos dizer acerca de sua formação visual.
- 32 As três primeiras vistas dizem respeito à rua Bernardo Ramos e as percepções que a envolvem. Na vista 1 vê-se uma rua que se fecha, determina sua área, é um ambiente bem cuidado, iluminação adequada, arborizada, mobiliário urbano decorativo. Por se tratar de uma rua de pouco movimento de automóveis, se apresenta como uma ilha aprazível em meio a um entorno conturbado. Em dias de semana, ouvem-se passos, vozes e assobios dos grupos de pessoas que trabalham nas redondezas, predominando o cheiro característico das pedras jacaré ao sol quente e da comida regional do restaurante da esquina. Em alguns períodos, é possível encontrar alguns edifícios recebendo manutenção preventiva, o cheiro de tinta fresca torna-se então dominante. As casas nessa vista são, em sua maioria, restauradas e intencionalmente cenográficas. A vista 1 entra em conflito direto com a vista 2, da rua Gabriel Salgado, que liga a Bernardo Ramos com a Frei José dos Inocentes. Esta rua é um desnível descendente, é estreita, sem iluminação, com constante movimento de moradores da rua Frei José, que se deslocam durante o dia para as atividades no entorno. O horizonte é encerrado por um amontoado de casas, no fim da ladeira, o contraste é evidente entre o espaço

cenográfico construído na Bernardo Ramos em prol de um corredor turístico e a ruela que liga para a Frei José e já antecipa sua identidade formal e social. A rua Bernardo Ramos, por vezes, parece nem ser habitada, é como uma máscara urbana, um cenário transportado para aquela área, sua identidade é montada, ela se apresenta como uma rua modelo, e entra em contradição com boa parte do entorno.

- 33 Olhando a rua Bernardo Ramos no sentido contrário (vista 3), outras reações nos ocorrem, ela fecha-se como um corredor verde, com as árvores da Praça Dom Pedro II fazendo sombra, a amplitude que nos cerca quando voltamos o olhar para a praça é facilmente explicada pela transparência por ela proposta, visualiza-se o entorno a partir dela, como moldura urbana. A vista 3 não conflita com o restante da rua, mas é visivelmente distinta, com seus edifícios institucionais de um lado e a vegetação dominante do outro.
- 34 Na segunda fileira de imagens dedicamo-nos à avenida Sete de Setembro. Talvez a maior surpresa desse percurso seja na referida avenida. A vista 4 é a perspectiva da esquina onde se encontra o Paço da Liberdade, apesar da direção ser a mesma que a vista 5, são pontos de vista distintos e inconfundíveis. A 4 representa esse início da Sete de Setembro, uma rua relativamente comum nesse trecho, distingue-se das duas mostradas nas vistas anteriores pois não se trata de um trecho contido e altamente comunicativo, mas apenas de uma rua cuja lateral direita é dominada por fundos de imóveis, a esquerda possui algumas fachadas históricas e um vazio espacial onde figura um estacionamento. O estacionamento com fechamento em grades nos dá a primeira perspectiva do rio, por entre as grades e o muro, como uma projeção. A sensação é completamente adversa à sentida quando chegamos no ponto final/inicial da avenida Sete de Setembro, a rua abre-se completamente para o rio, contempla-se a silhueta da Ponte sobre o Rio Negro ao fundo, já não há transparências, molduras ou projeções, a visão surpreende na sua súbita presença. A vista 6 parte daquele ponto, mas em sentido contrário, novamente a rua de vazios, fachadas históricas e fundos de lotes, mas, no fim, nota-se o contrário da paisagem natural que nos chocou anteriormente, a silhueta do prédio em concreto do antigo IAPETEC surge imponente, a vista destoa completamente da compreensão abstrata do meio natural da vista 5, mostrando o fator urbano, a cidade construída. Nesse pequeno trecho inicial da avenida Sete de Setembro, o movimento de carro é diminuto, o ar se preenche de odores diversos³, que refletem uma incipiente ocupação humana e o asfalto sob o sol. São poucas as pessoas que por ali circulam, os sons de vozes e passos são espaçados e sutis, como ecos. A ausência de sons, por vezes, causa certa estranheza, inspira um sentimento de insegurança presente na ambiência urbana vazia, oca, apropriável.
- 35 Por fim, há outras três visualidades distintas, sendo a 7 e a 8 da mesma rua, mas em direções opostas. A vista 7 corresponde à primeira perspectiva da rua Governador Vitório, é uma rua em desnível, lotes alinhados, terreno acidentado, a monumentalidade do Hotel Cassina na esquina, o fim dela se dá em um muro contínuo que provoca uma sensação clara de preenchimento e finitude. A visão contrastante proposta aqui é a da presença e ausência, na vista 8 existe um vazio urbano, vê-se formas vegetais ao longe, mas a permanência de um espaço oco. Poderiam ser denominadas como “zonas de compreensão e de vazio” (CULLEN, 2008, p.12). Durante o percurso de descida da rua Governador Vitório, a atmosfera comporta sons agudos que oscilam entre conversas, buzinas e motores de veículos e motocicletas. É uma ambiência que inspira pressa, movimento e inconstância.

- 36 A vista 9 introduz a rua Frei José dos Inocentes. Ela distingue-se de todas as anteriormente citadas, numa perspectiva geral do espaço, a rua é atarracada e estreita. Apesar disso, é a rua que mais se comunica e dialoga com os indivíduos que a habitam. A rua é curva, seu início, assim como o da avenida Sete de Setembro, acontece no rio, mas a ondulação dela não nos permite um horizonte distante, observa-se apenas fachadas que se sucedem e se encontram. Essa sobreposição causa um ponto de vista ilusório de uma rua com fim anunciado, terminada em lotes residenciais como qualquer outra.
- 37 Finalizamos aqui a análise óptica, com perspectivas diferentes da mesma rua constroem-se uma série de pontos de vista dicotômicos acerca do espaço urbano, coexistem no mesmo alinhamento inúmeras formas de enxergar e absorver o meio ambiente circundante. Isso é a definição de visão serial, os contrastes, contradições e surpresas que tornam a cidade uma experiência única.

Local

- 38 Nesse aspecto abordam-se diversos conceitos apresentados por Cullen (2008). No aspecto local há uma gama enorme de urbanidades que se inserem dentro da perspectiva, nem todas são visíveis na zona estudada, foram selecionadas algumas para apresentar a seguir.
- 39 O primeiro conceito apontado é a apropriação. Cullen (2008, p. 23 e 25) diferencia a apropriação estática da em movimento, no espaço estudado ambas podem ser visualizadas. Como apropriação estática inclui mobiliários urbanos, diferenças de pavimentação ou qualquer elemento que possa ser atribuído a uma ocupação daquele território, pode-se citar a Praça Dom Pedro II e até mesmo as diferenças de pavimentação da rua Bernardo Ramos. Outro aspecto interessante que destacamos é a apropriação espacial de áreas do passeio público, como ocorre na rua Governador Vitório, em que se visualizam pequenas coberturas estruturadas ou de lona a avançar sobre a calçada indicando a presença de comércios de bairro. São nichos de convivência que convidam a uma apropriação do cidadão. Tanto a Praça Dom Pedro II quanto os comércios são caracterizados tanto pelo movimento quanto pela permanência, poderiam ser categorizados dentro do que Cullen (2008, p. 26) chama de áreas de viscosidade, quando os dois tipos de apropriação coincidem: na praça ocorre uma ocupação ocasional por diversos grupos sociais em meio a um mobiliário urbano estático a sugerir uma apropriação, já os comércios atraem cidadãos do entorno ao mesmo passo que criam uma estrutura para seu funcionamento. Sobre as apropriações, Cullen (2008, p. 30) ressalta:

“Se aceitarmos que o exterior pode ser ocupado, a arquitetura não é, em si, o suficiente. O exterior não pode ser apenas um salão para expor peças individuais como se fossem quadros numa galeria. Terá de ser um meio destinado ao ser humano na sua totalidade, que o poderá reclamar para si, ocupando-o quer estaticamente quer pelo movimento.”



Figuras 5 e 6 - Exemplos de apropriações e áreas de viscosidade.
Fonte: autora. Data: 08/nov./2020.

- 40 O enclave é um espaço semiaberto que funciona como um ponto de fuga para o transeunte (CULLEN, 2008, p. 27). Observando a área de estudo, conclui-se que o local coberto que melhor se adequaria ao conceito de envoltória ou abrigo em meio ao caos urbano seria a área compreendida pela escadaria e vestíbulo do Paço da Liberdade. Observa-se constantemente grupos de pessoas reunidas nos degraus da escada ou abrigo na área coberta, como se fosse um ambiente alheio à dinâmica urbana. Outra experiência interessante é a sensação de espacialidade quando se adentra o coreto da praça, ele surge como um recinto único, ou o que Cullen (2008, p. 34) chamaria de “espaço delimitado”. As barreiras que separam o coreto do restante da praça são meramente simbólicas, não configuram um bloqueio real, dessa forma o espaço encerra a si mesmo, como um invólucro urbano.
- 41 O conceito de ponto focal de Cullen (2008, p. 28) é o de um “símbolo vertical de convergência”. Dentro dessa definição, o ponto focal seria um elemento alegórico que carregasse certa identidade de ícone ou signo. Sugere-se para esta categoria a fonte da Praça Dom Pedro II, é uma entidade vertical e central, quando por ela atravessá-la somos convidados a apreciar sua composição formal. Ela é emblemática e surge em primeiro plano frente aos monumentos do entorno, rodeada por árvores e quase camuflada, a fonte abre-se aos olhos quando se passa pela lateral da praça, tornando-se então um ponto focal no espaço.



Figura 7 – Exemplo de ponto focal.
Fonte: autora. Data: 08/nov./2020.

- 42 Destaca-se também nas ruas Frei José dos Inocentes e Governador Vitório a presença de um bloqueio visual no horizonte. Em ambos os casos essa quebra é causada por curvas nas vias, a esse aspecto dicotômico entre “espaço delimitado e espaço fluido” Cullen (2008, p. 32) dá o nome de “edifício-barreira”. Na rua Governador Vitório há uma segunda sensação, por se tratar de um desnível. Nesse caso Cullen (2008, p. 40) afirma que o que nos ocorre é referente a uma ideia de domínio e superioridade quando estamos no topo. De fato, a emoção sentida no alto de uma ladeira é ligeiramente agradável, não apresenta o valor pesado da incerteza.
- 43 Para o entendimento da silhueta (CULLEN, 2008, p. 42) selecionaram-se dois exemplos que chamaram a atenção. O primeiro, no início da avenida Sete de Setembro, quando se desloca o ponto de vista do rio para a rua, enxerga-se a silhueta do prédio do IAPETEC, sua densidade recobre o céu a frente, focalizando a perspectiva para o lado contrário, visualiza-se ao longe a silhueta da ponte, e a sensação do além nos preenche por inteiro, a infinidade da paisagem do rio é dominante. O segundo exemplo acontece ao posicionar-se na praça, é possível capturar com os olhos a cúpula do Teatro Amazonas, tímida e rodeada por uma massa de concreto de prédios que irrompem o céu. A cúpula do teatro é uma silhueta que nos persegue em muitos pontos do Centro Histórico e é extremamente emblemática como signo absoluto do patrimônio edificado manauara, a emoção causada por uma memória afetiva nos invade.



Figuras 8 e 9 – Exemplos de silhueta.
Fonte: autora. Data: 08/nov./2020.

- 44 O estreitamento (CULLEN, 2008, p. 47) é um fenômeno constante em diversas zonas do centro de Manaus. Por vezes apresenta-se na forma de uma rua anunciada previamente, porém bastante afunilada em relação à via em que nos encontramos, é o caso da Frei José dos Inocentes vista a partir da Governador Vitório. Outras vezes surge de forma inesperada, como uma reentrância urbana abrupta, esse é o caso de um beco que une a rua Bernardo Ramos com a rua Frei José, bastante estreito, o choque é precisamente advindo do fato desse beco não decorrer de uma ruptura formal na sensação de linearidade da rua.



Figura 10 – Exemplo de estreitamento.
Fonte: autora. Data: 08/nov./2020.

Conteúdo

- 45 Nesta categoria iniciaremos pelo conceito de identificabilidade, ao qual Cullen (2008, p. 64) associa elementos que apresentam características únicas e distintas. Esse conceito trata de pormenores, detalhes que apenas observadores mais atentos conseguem apreender. São esses elementos que, por vezes, passam despercebidos, mas possuem uma personalidade que remete a memórias e reações sinestésicas. O desenho de grades em ferro fundido, diferenças dos azulejos do vestíbulo do Paço, um edifício cuja estrutura formal da fachada serve como moldura para o céu, esculturas que contemplam a paisagem, são todos parte desses pormenores urbanos que tornam a experiência do pedestre única, nos lembram pessoas, episódios, vivências, comportamentos, valores.



Figuras 11, 12, 13 e 14 – Exemplos de identificabilidade.
Fonte: autora. Data: 08/nov./2020.

- 46 Quando se fala de nostalgia (CULLEN, 2008, p. 70) remete-se a um sentimento de perda, uma melancolia saudosa, algumas situações na cidade nos trazem essa sensação subjetiva da efemeridade de tudo, do físico e da essência. As ruínas urbanas são um desses elementos intencionalmente simbólicos, existem numa temporalidade contemporânea, mas não vivem realmente nela. São sombras de um passado próximo ou distante que nos transportam por uma trajetória singular.



Figura 15 – Exemplo de nostalgia.
Fonte: autora. Data: 08/nov./2020.

- 47 Exposição e isolamento (CULLEN, 2008, p. 71) é a percepção de um todo muito extenso e impenetrável frente à presença humana. O sentimento de que o espaço não pode ser apreendido por inteiro penetra e causa uma impressão de solidão e reflexão. É o caso da paisagem no fim da Sete de Setembro, quando libertos da vista lateral dos edifícios, nos vemos ínfimos diante de uma imensidão de rio. Ali, mais do que em outros pontos do trecho escolhido, a “audição penetra para além do olhar” (LE BRETON, 2016, p.133), a atmosfera silenciosa encapsula os outros sentidos e a visão nos apresenta apenas o inapreensível. Antagônico ao isolamento, está o conceito da intimidade (CULLEN, 2008, p. 71), que seria uma sensação convidativa de pertencimento, uma visualidade que permite sentir uma conexão com o ambiente circundante ou mesmo determinado conforto em relação ao que nos é exposto. O túnel verde formado pelas árvores dos canteiros da Praça Dom Pedro II são bons exemplos dessa impressão de aconchego e acolhimento. A praça funciona como um invólucro, filtrando sons, odores e as sensações de luz e calor. Dentro dela, o barulho dos carros na avenida Sete de Setembro parece distante, dando lugar ao som dos pássaros e do farfalhar das folhas nas árvores altas. Os odores da rua tornam-se neutros, aguçando os ouvidos para os pequenos murmúrios dos canteiros. A audição, como sentido de orientação, nos transporta para o interior desse universo, que transpira segurança e calma, longe das buzinas e barulhos de motor. Em paralelo ao que Cullen atribui como exposição e isolamento, aponta-se a contradição interior e exterior de Bachelard (2012, p. 342), em que o autor trata o homem como um “ser entreaberto”, em que convergem os desejos de manifestação e de encobrimento. E é nessa dicotomia que o ser humano entra em contato com o espaço urbano, oscilando entre uma ânsia por expandir-se para além do sítio que o compreende, e uma fuga intensa, um recolhimento receoso, como se a completude espacial, por vezes, o engolisse.



Figuras 16 e 17 – Exemplos de isolamento, exposição e intimidade.
Fonte: autora. Data: 08/nov./2020.

- 48 O animismo (CULLEN, 2008, p. 74) é uma assimilação curiosa e até um pouco lúdica de detalhes do entorno que nos lembram algo reconhecível, rostos, pessoas, animais etc. Um bom exemplo disso é a forma inusitada entalhada na madeira da porta do Palácio Rio Branco.

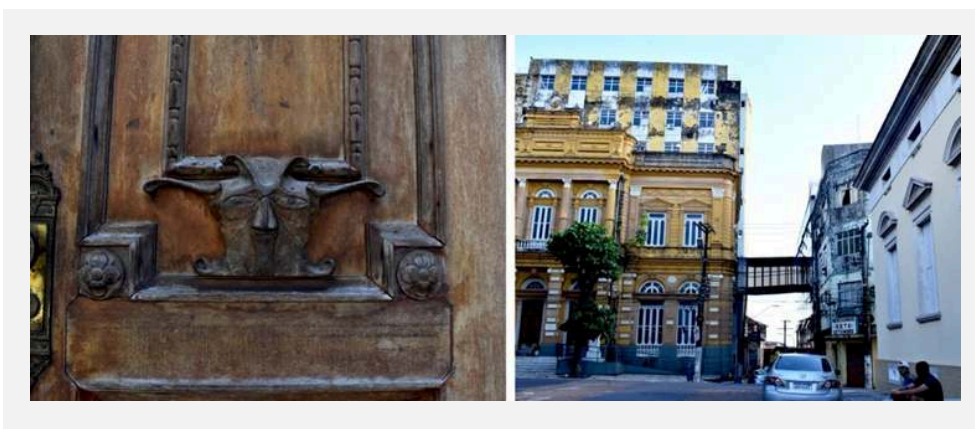


Figura 18 e 19 – Exemplos de animismo e de relacionamento.
Fonte: autora. Data: 08/nov./2020.

- 49 O relacionamento (CULLEN, 2008, p. 80) diz respeito a um elo entre elementos urbanos, a ligação pode ser de segregação ou de união. Há diversas maneiras de se observar esse quesito, escolhemos uma conexão incomum, mas que chama atenção sempre que se percorre as redondezas da fachada frontal do Paço, é a ponte fechada em vidro que surge entre um prédio e outro na rua Gabriel Salgado.
- 50 O Centro Histórico de Manaus é rico em texturas (CULLEN, 2008, p. 94). Não só em pavimentos, observam-se também paredes com rusticação e diferentes materiais expostos em uma mesma fachada, criando uma sensibilidade tátil diferente para cada um deles. Por vezes a textura nem mesmo precisa ser algo que possamos tocar, sendo apenas uma visualidade que nos sugere essa forma sobressaltada, surpreendentemente lisa ou enrugada. Le Breton (2016, p. 207) defende que a pele “é o ponto de contato com o mundo e com os outros”, é abrigo, limite e identidade. E é esse sentido que nos repassa o movimento circundante, as nuances ambientais, a tangibilidade do que existe. As texturas podem surgir em grandes escalas, como a ondulação sugestiva da fachada de um prédio, e em escalas pequenas, íntimas, em uma parede que oscila aspereza e lisura. Independente do tamanho, são todas sentidas nos dedos, no corpo, na pele.

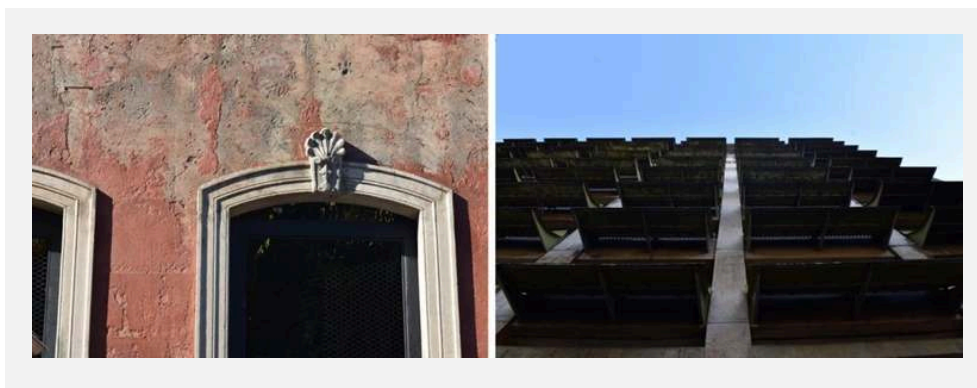


Figura 20 e 21 – Exemplos de texturas.
Fonte: autora. Data: 08/nov./2020.

Considerações Finais

- 51 É possível discorrer infinitamente sobre a sinestesia proposta pelo Centro Histórico de Manaus. É um espaço rico em referências e audacioso em sua forma de apresentar-se ao espectador. O contraste nos toma de súbito em inúmeros momentos, sublinha-se aqui a reflexão de Nascimento (2014, p. 33) sobre essas diversas facetas da cidade: “Como se Manaus vivesse duas realidades (...). De um lado, o rio, a floresta e a vida cabocla; do outro, a cidade com suas construções ecléticas”.
- 52 E é nessa sensação de pretensa dicotomia, de uma legibilidade que nos propõe antagonismos que se equilibram entre si, que habita toda a essência do Centro Histórico de Manaus. O espaço trabalhado é um recinto onde todas essas conexões se encontram e se sobrepõem umas às outras, a gramática desse espaço simboliza a capacidade dessa zona da cidade de nos trazer lembranças de tempos não vividos, de histórias não experimentadas, mas de uma memória cristalizada e eternamente nostálgica. Nascimento (2014, p. 90) afirma que no entorno da Praça Dom Pedro II, durante a *Belle Époque*, era onde funcionavam os mais célebres espaços de entretenimento e edifícios públicos de Manaus e, com essa informação, entendemos a iconicidade dessa zona, de um prestígio resplandecente de outrora.
- 53 Em *Antropologia dos sentidos*, Le Breton (2016, p.14) afirma que as sensorialidades estariam ligadas tanto a um contexto cultural quanto à sensibilidade inerente ao indivíduo. Sendo assim, diferentes seres humanos em um mesmo ambiente poderiam apreender esse espaço de formas adversas, de acordo com os filtros (LE BRETON, 2016, p.15) estabelecidos por eles em relação às percepções sensoriais. É certo que ao se tratar de uma análise prática e sensorial de um espaço, apresenta-se aqui um grau indefinível da carga cultural carregada durante os trajetos escolhidos. Ainda assim, pretendeu-se, nesse breve estudo, um desprendimento sociocultural, uma curiosidade puramente humana, que pudesse levar a resultados instigantes e receptivos. O artigo em si não visa uma conclusão, tendo em vista que um espaço com vasta carga cultural e memorial carrega ainda muitos fatores ocultos a serem desvendados, buscou-se apenas entender melhor uma pequena parcela do Centro Histórico de Manaus, com o intuito de um dia poder expandir essa área para lugares e não lugares com identidades diferenciadas nesse mesmo bairro.

BIBLIOGRAFIA

- ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. 5a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. ISBN-10: 8533621477
- BACHELARD, Gaston. **La poética del espacio**. 1ª ed. eletrônica. México: Fondo de Cultura Económica, 2012. ISBN-13: 9786071610812
- CULLEN, Gordon. **Paisagem urbana**. Lisboa: Edições 70, 2008. ISBN-10: 9724414019
- FORTUNA, Carlos. Culturas urbanas e espaços públicos: Sobre as cidades e a emergência de um novo paradigma sociológico. **Revista Crítica de Ciências Sociais** [Online], 63 | 2002. Disponível em <<http://journals.openedition.org/rccs/1272>>. Acesso em 18 mar. 2021. <https://doi.org/10.4000/rccs.1272>
- LE BRETON, David. **Antropologia dos sentidos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016. ISBN-13: 9788532651846.
- LEPETIT, B. Das capitais às praças centrais: mobilidade e centralidade no pensamento econômico francês. In: SALGUEIRO, H. A. (Org.). **Cidades capitais do século XIX: racionalidade, cosmopolitismo e transferência de modelos**. São Paulo: Ed. USP, 2001. p. 41 – 65. ISBN-10: 8531406145
- LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Lisboa: Edições 70, 1960. ISBN-10: 9724403793.
- MAGNANI, J. G. C. Da periferia ao centro: pedaços & trajetos. **Revista de Antropologia**, [S. l.], v. 35, p. 191-203, 1992. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111360>>. Acesso em 18 mar. 2021. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.1992.111360> .
- MENEZES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Cidade Capital, hoje? In: SALGUEIRO, H. A. (Org.). **Cidades capitais do século XIX: racionalidade, cosmopolitismo e transferência de modelos**. São Paulo: Ed. USP, 2001. p. 9 – 17. ISBN-10: 8531406145
- MATOS, Olgária. O direito à paisagem. In: Robert Moses Pechmann (org.). **Olhares sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994. pp. 43-59.
- NASCIMENTO, Maria Evany. **Do discurso à cidade: Políticas de patrimônio e a construção do espaço público no Centro Histórico de Manaus**. 243 f. Tese (Doutorado), Departamento de Artes e Design, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2014.
- ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. ISBN-13: 9788533614017.

NOTAS

1. Um dos ícones da *Belle Époque* manauara, esse edifício funcionou como hotel de hóspedes ilustres e palco de grandes eventos entre o fim do século XIX e início do XX. O edifício passou por um longo período de abandono até ser restaurado no ano de 2020. Atualmente abriga um centro de tecnologia e ganhou o nome de Casarão de Inovação Cassina.
2. Edifício do antigo Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Empregados em Transportes e Cargas (IAPETEC), atualmente Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), construído aproximadamente em 1949.

3. Em alguns períodos do ano, os odores das galerias subterrâneas tornam-se mais fortes, especialmente nas épocas de cheia do rio. Nesse período, o trânsito de veículos por esse trecho pode vir a ser bloqueado, devido ao aumento no nível das águas, mudando sensivelmente a percepção sensorial sobre o ambiente.

RESUMOS

O presente artigo pretende abordar uma área do Centro Histórico da cidade de Manaus à luz de duas estratégias de análise urbana, a de Gordon Cullen (2008) e de Kevin Lynch (1960). A intenção é penetrar nas várias camadas que compõem esse espaço, escolhido e delimitado previamente, a partir das perspectivas urbanística e sensorial. Dessa forma, foi selecionada uma área que se considera englobar as várias facetas do Centro Histórico manauara, que pudesse nos guiar nesse percurso como flâneur, em busca de uma apreensão do ambiente construído, suas reverberações e sua legibilidade. O objetivo final é observar as nuances desse espaço, o que ele nos comunica e o que é possível apreender dele dentro da esfera da sensibilidade humana.

The present article intends to approach a space in Manaus' Downtown area highlighting two strategies of urban analysis, that of Gordon Cullen (2008) and Kevin Lynch (1960). The intention is to reach the various layers that make up this space, previously chosen and delimited from the urban and sensory perspectives. Consequently, it was selected an area considered to encompass the various facets of the Manaus' Downtown area, which could guide us on this journey as a flâneur in search of an apprehension of the built environment, its reverberations and its legibility. The ultimate goal is to observe the nuances of this space, what it communicates and what is possible to learn from it within the sphere of human sensitivity.

ÍNDICE

Palavras-chave: patrimônio, Centro Histórico, sinestesia, urbanidade

Keywords: patrimony, Downtown, synesthesia, urbanity

AUTORES

MARIA LUIZA MAGNANI DEGAN

Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Amazonas. Mestranda no Programa de Pós-graduação em Artes e Letras da Universidade do Estado do Amazonas, com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas. Manaus, Amazonas, Brasil.

E-mail: mlmd.mla20@uea.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8426-2419>

LUCIANE VIANA BARROS PÁSCOA

Doutora em História pela Universidade do Porto. Docente do Programa de Pós-Graduação em Artes e Letras da Universidade do Estado do Amazonas. Manaus, Amazonas, Brasil.

E-mail: lpascoa@uea.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7751-0189>

MARIA EVANY DO NASCIMENTO

Doutora em Design pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio. Docente do Programa de Pós-Graduação em Artes e Letras da Universidade do Estado do Amazonas. Manaus, Amazonas, Brasil.

E-mail: mednascimento@uea.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5734-5531>